

A IMPRENSA FEMINISTA BRASILEIRA E A REPRESENTAÇÃO DO ESPORTE FEMININO NO JORNAL MULHERIO (1981-1989)

Carolina Bortoleto Firmino¹
Érika Alfaro de Araújo²
Mauro de Souza Ventura³

Resumo: O propósito deste estudo é entender e discutir o espaço do esporte como pauta nos primeiros títulos da imprensa feminista brasileira, promovendo articulações com o movimento feminista nacional e destacando os jornais pioneiros desse segmento, bem como contextualizando a relação das mulheres com o esporte no país. Para isso, o jornal Mulherio, lançado em 1981, foi selecionado como objeto. Por meio dos procedimentos metodológicos da Análise de Conteúdo, categorizamos e interpretamos todas as publicações sobre esporte presentes no veículo impresso. Assim, foi possível observar que o fato de o jornal ser publicado em um período mais próximo do processo de redemocratização possibilitou a presença da temática em suas publicações, que, entre outros aspectos, apresentaram posicionamento favorável à participação feminina em diversos espaços do campo esportivo.

Palavras-chave: imprensa feminista; feminismo brasileiro; esporte; esporte feminino; jornal Mulherio.

Abstract: The purpose of this study is to identify and discuss the space of sport as an issue in the first newspapers of the Brazilian feminist press, establishing links with the national feminist movement and highlighting the pioneering publications in this segment, as well as contextualizing the relationship between women and sport in the country. For this, the newspaper Mulherio, launched in 1981, was selected as the object. Through Content Analysis, all sports publications present in the printed vehicle were categorized and interpreted. It was possible to observe that the newspaper being published in a period closer to the redemocratization process enabled the presence of the theme in its publications, which, among other aspects, presented a favorable position for female participation in multiple areas of the sporting universe.

Keywords: feminist press; Brazilian feminism; sport; women's sport; Mulherio newspaper.

¹ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Bauru-SP. Mestre e jornalista pela mesma instituição. Realiza pesquisa nas áreas de gênero, esporte, jornalismo feminista e jornalismo esportivo. Na produção jornalística, tem mais de uma década de experiência e atua como editora no segmento de educação.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus Bauru-SP, com pesquisa financiada pela FAPESP (processo n. 2022/00984-0). Mestre em Comunicação e graduada em Jornalismo pela mesma instituição. Realiza pesquisa na linha de Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais com foco no jornalismo esportivo e suas relações com a questão de gênero.

³ Livre-docente em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Doutor em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela FFLCH-USP, Mestre em Jornalismo e Editoração pela ECA-USP e Jornalista graduado pela PUCRS. Atualmente, é professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp, campus de Bauru-SP, Brasil.

Introdução

A madrugada do dia 31 de março de 1964 ficou marcada na história do Brasil pelo golpe militar que encerrou o governo do presidente eleito João Goulart e deu início ao regime autoritário e nacionalista que duraria até 1985. Naquele momento, diversos movimentos populares e sindicais foram desarticulados, com seus líderes submetidos a diversas perseguições e prisões arbitrárias. Enquanto isso, surgiam grupos que, apesar de organizados por mulheres brancas, de classe média, donas de casa e esposas de militares, atraíam aliadas pobres e periféricas que, conduzidas por ondas conservadoras, religiosas e uma suposta ameaça comunista, se posicionavam como sustentação popular do golpe.

Inicialmente, no campo progressista, as mulheres de camadas mais populares não se organizavam de maneira autônoma, nem tinham plena consciência de seus direitos, o que facilitou essa aproximação. Em contrapartida, movimentos com articulações entre representantes de diferentes classes sociais e ideologias eram uma realidade desde o final da década de 1940, e pediam por melhorias em postos de saúde, creches, escolas e serviços públicos em geral (PINTO, 2003). Nesse contexto, observa-se que o feminismo, em países como o Brasil,

não pode escapar dessa dupla face do problema: por um lado, se organiza a partir do reconhecimento de que ser mulher, tanto no espaço público como privado, acarreta consequências definitivas para a vida e que, portanto, há uma luta específica, a da transformação das relações de gênero. Por outro lado, há uma consciência muito clara por parte dos grupos organizados de que existe no Brasil uma grande questão: a fome, a miséria, enfim, a desigualdade social, e que este não é um problema que pode ficar de fora de qualquer luta específica (PINTO, 2003, p. 45).

Céli Pinto (2003) determina que essa circunstância é responsável por dois cenários diferentes: o primeiro tende a incluir tais problemáticas como parte do contexto da desigualdade como um todo – comum nos partidos de esquerda –, enquanto o outro reconhece as proporções dessa desigualdade no interior dos movimentos quando se têm mulheres pobres, negras, sem-terra ao lado de ricas e intelectualizadas. Assim, Pinto (2003) define o movimento feminista brasileiro como

a luta por autonomia em um espaço profundamente marcado pelo político; defende a especificidade da condição de dominada da mulher, numa sociedade em que a condição de dominado é comum a grandes parcelas da população; no qual há diferentes mulheres enfrentando uma gama de problemas diferenciados (PINTO, 2003, p.46).

Conforme aponta Viviane Freitas (2018), foi justamente durante a ditadura militar, nos anos 1970, que as manifestações do feminismo de segunda onda surgiram no Brasil e ampliaram as discussões para questões como sexualidade, direitos reprodutivos, mercado de trabalho e violência doméstica. Assim, muitas pessoas que seguiram para o exílio em função da perseguição do regime estavam em Paris, onde o contexto da luta por liberdades individuais exercia forte influência, além da revolução cultural que colocava em xeque padrões, hierarquias e velhos costumes naturalizados. A relação de mulheres exiladas com tais pensamentos ameaçava tanto a esquerda masculina e marxista – que defendia a unidade na luta do proletariado contra o capitalismo, com homens à frente dessas organizações – quanto os próprios militares ultradireitistas (PINTO, 2003).

Neste cenário, surgiu o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris (1975-1979), que foi uma das mais importantes representações do ideário feminista da época: um movimento que via a luta de classes e a luta pela autonomia das mulheres como duas questões distintas. De acordo com Pinto (2003), o Círculo se apresentava como um espaço público de reflexão e se organizava por meio de comissões e assembleias para aumentar o número de participantes, entrar em contato com outros grupos e manter um intercâmbio político e cultural com o Brasil. Porém, havia ainda um olhar inquisidor sobre o que fugisse da busca pela redemocratização do país:

Entre nós, na virada para a década de 1970, o feminismo amalgamou um paradoxo: ao mesmo tempo em que se organizava em defesa da especificidade da condição da mulher, estabelecia uma profunda ligação com a luta contra a ditadura militar. Isso desembocou em um tensionamento permanente entre dois vetores: aquele associado às lutas que davam ênfase à sexualidade, ao corpo e ao prazer versus aquele outro que priorizava a luta de classes e/ou a luta pela democracia (ESCOSTEGUY, 2016, p. 65).

Não obstante, 1975 foi decisivo para os avanços das pautas feministas: a Organização das Nações Unidas (ONU) institucionalizou, durante a Primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres, na Cidade do México, que aquele seria o Ano Internacional da Mulher, e que o período de 1975 a 1985 seria a Década da Mulher. Havia uma preocupação em dialogar e traçar estratégias para diminuir as desigualdades e a discriminação. Além disso, esperava-se conferir à mulher o protagonismo das discussões a respeito de saúde, cidadania, emancipação, direitos reprodutivos, sexualidade e violência. Dessa forma, uma combinação de fatores foi responsável pela retomada de movimentos sociais com diferentes agendas no Brasil.



Era o marco incipiente – embora não seja compreensão unânime – de um feminismo mais plural no Brasil, que até então estava restrito a determinados grupos e ambientes intelectualizados (PINTO, 2003). Nas palavras de Viviane Freitas (2018, p. 84), “o contato com as discussões das francesas fez aflorar nas brasileiras o desejo de constituir seu próprio feminismo”. No entanto, é importante destacar que a mobilização feminista no Brasil tentava conversar com mulheres diferentes entre si, mas ainda era predominantemente branca e de classe média – ou seja, aquelas que estavam à margem da sociedade continuavam excluídas quanto ao seu lugar de fala. Negras, indígenas, periféricas, lésbicas e outras representantes de grupos marginalizados ainda não tinham suas pautas introduzidas nas agendas ditas universais.

Entre as mulheres negras, Lélia Gonzalez (1985) aponta que, por mais que elas tivessem encontrado apoio em alguns setores do movimento de mulheres, havia negligência, inclusive do próprio movimento negro. Segundo a autora, elas eram acusadas de serem agressivas ou não feministas ao insistirem que o racismo e suas práticas deveriam ser levados em conta nas lutas feministas, já que constituíam em formas estruturais de opressão e exploração em sociedade, assim como o sexismo. Esse cenário fez com que surgissem grupos exclusivos de mulheres negras, que se reuniam para debater questões específicas à sua realidade, mas sem deixar de militar por suas causas no interior de movimentos mistos dos quais participavam e atuar junto a seus companheiros – com quem ainda enfrentavam machismo na tomada de decisões (FREITAS, 2018).

Nesse cenário, surgiu o Brasil Mulher (1975-1979), considerado o primeiro jornal feminista do país, seguido por outras publicações alternativas às mídias tradicionais que também incorporavam pautas relacionadas às mulheres, como Nós Mulheres (1976-1978), Mulherio (1981-1989), ChanacomChana (1981-1987) e Nzinga Informativo (1985-1989).

Entre eles, o jornal que se destacou pelo espaço que deu à relação entre gênero e esporte foi o Mulherio, para o qual voltaremos nosso olhar neste artigo. Enquanto assuntos ligados à arte ainda conseguiam pequenas menções, inclusive com páginas reservadas para poemas, a discussão sobre a prática esportiva era raridade nas publicações feministas da época, por mais que estivesse acontecendo em contextos diversos no Brasil – proibição e clandestinidade do futebol de mulheres, expansão das academias e da onda



fitness a partir da década de 1970, atletas se destacando nas Olimpíadas e mais. Nos próximos tópicos trataremos do cenário do desenvolvimento simultâneo do movimento feminista e da imprensa feminista no Brasil, destacando características dos jornais supracitados, do esporte entre as mulheres brasileiras e da maneira como o Mulherio abordou o tema em suas reportagens.

Imprensa Feminista No Brasil

O ano de 1975 é marcado pelo nascimento do Brasil Mulher (1975-1979), considerado o primeiro jornal feminista do Brasil, ainda que não haja registro do termo “feminismo” em sua primeira publicação. No artigo *Girse, te espero na próxima assembleia*, a pesquisadora Dulcilia Buitoni (1981/2009) reconhece que esse posicionamento das redatoras “representa um novo tipo de foco narrativo, em que entram dois elementos: o sexo (as emissoras se assumem como mulheres) e o grupo (no fundo, a ideia de união, de pensamento em comum)”. Assim como a mídia alternativa manifestava o combate às situações de opressão da época, a imprensa feminista negava a posição de redatora invisível, pois “quem escreve é um grupo de mulheres que fala em ‘nós’” (BUITONI, 1981/2009, p. 125-126).

Em entrevista a Firmino (2021), Maria Amélia de Almeida Teles, militante feminista e membra do Brasil Mulher, afirma que as escolhas editoriais da época visavam alcançar as trabalhadoras e os movimentos populares. Os temas discutidos no jornal, que teve 16 edições regulares e quatro extras, estavam divididos entre luta de classes e luta das mulheres. Naquele momento, não havia uma compreensão predominante do que era ou não feminismo, nem se incorporava – conscientemente, com demarcações – outras categorias de luta. Os textos se voltavam para reflexões como: o que era ser mulher dentro na ditadura? Não ter creche, ganhar um salário menor, sexualidade, carestia, buscar igualdade, conhecer a origem da opressão e outros.

A discussão da prática esportiva – seja a proibição de mulheres no futebol, os preconceitos existentes ou simplesmente a presença nos estádios e vestiários – era restrita aos encontros realizados para a produção do jornal, mas não chegava até ele, como lembra Amelinha: “A pauta não cabe, não dá tempo, entendeu? É luxo. Então não era preocupação, embora seja uma necessidade vital. Porque isso é uma coisa vital, como se discutia a música” (TELES, 2019, p. 419 *in* FIRMINO, 2021).



Em 1976, fundou-se o jornal *Nós Mulheres* – que durou até 1978, com algumas interrupções – inspirado no grupo latino-americano de discussões e reflexões *Nosotras* (1972), liderado pela psicóloga Danda Prado. Buitoni (1981/2009) reforça que o tabloide atuava ao lado de produtos industriais na tentativa de promover a mulher com humanidade e criar identificação com as classes populares. O *Nós Mulheres* (1976-1978) tinha condições financeiras precárias e reunia mulheres, jornalistas ou não, que editavam textos a respeito de problemas femininos em uma linguagem acessível. No primeiro editorial, o posicionamento aparece na abordagem escolhida pelo jornal, na direção contrária da prerrogativa da imparcialidade jornalística e do padrão impessoal:

Desde que nascemos, *Nós Mulheres*, ouvimos em casa, na escola, no trabalho, na rua, em todos os lugares, que nossa função na vida é casar e ter filhos. Que *Nós Mulheres* não precisamos estudar nem trabalhar, pois isto é coisa para homem. Os próprios brinquedos da nossa infância já nos preparam para cumprir estas funções, que dizem ser a função natural da mulher: mãe e esposa (NÓS MULHERES, 1976, ed. 1, p. 2).

Rompe-se com o tratamento que a imprensa feminina tradicional dava às mulheres, em que um editor ditava as regras e oferecia conselhos a uma leitora chamada de “você, mulher”. Segundo Rosalina da Cruz Leite (2003, p. 239), “nesse editorial a linguagem usada é pessoal, afetiva, e revela intimidade. Além disso, a sua leitura permite vislumbrar que o jornal é feito por um coletivo de mulheres com vivências comuns, ou melhor, feministas comprometidas com o que escrevem”. Elas denunciam a diferença entre a educação oferecida para meninos e meninas, as desigualdades do mercado de trabalho, os direitos da mulher no campo da reprodução e a superação de uma sociedade patriarcal como um todo (LEITE, 2003).

Logo, neste jornal, o esporte é citado em duas ocasiões⁴, nas quais tece críticas sobre a relação feminina com a modalidade mais popular do país – o futebol. Na primeira, sob o título *Mulher na boca do gol*, aborda a paixão da torcedora Elisa pelo Corinthians – mulher negra, pobre e viúva, que começou a acompanhar o time somente depois que o marido morreu. A matéria revela duas imagens de Elisa: a primeira segurando uma bandeira corintiana entre homens na arquibancada, e a segunda passando roupas, com a mesma bandeira pendurada ao fundo. Na linha-fina, lemos: “O homem vai aos estádios.

⁴ A pesquisa por pautas esportivas foi realizada nas edições do “*Nós Mulheres*” digitalizadas e disponibilizadas pela Fundação Carlos Chagas. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/conteudosespeciais/nosmulheres/>.



A mulher prepara sua marmíta. O homem torce por seus ídolos. A mulher costura a bandeira. Até quando?”, e, no texto, ainda é escrito: “dizem que futebol é coisa pra homem. Será mesmo? (...) é muito caro para que marido e mulher possam ir juntos? Ou será porque alguém tem que ficar em casa cuidando das crianças?” (NÓS MULHERES, 1977, ed. 4, p.12). No mesmo raciocínio, o segundo artigo *Isto é coisa de menina* questiona: “Meninas jogando futebol. Meninos brincando de boneca. Por que não?” (NÓS MULHERES, ed.6, 1977, p.7).

Tanto no Brasil Mulher quanto no Nós Mulheres não houve espaço para tratar do esporte com frequência. Por mais que se entendesse a importância do tema, outras questões precisavam ser discutidas pelas “primeiras feministas”. Por sua vez, o jornal *Mulherio* (1981-1989) nasceu em um contexto de mudanças e início do processo de abertura política após um longo período de ditadura militar. Sindicatos, associações, novos partidos, organizações não governamentais e outras organizações ganhavam mais representatividade, apesar das dificuldades econômicas e sociais ainda presentes.

No geral, a imprensa alternativa destacava-se por seu caráter combativo na luta contra a repressão e a censura, e estimulava discussões necessárias sobre diferentes setores da sociedade. Segundo Bernardo Kucinski (2001, p. 6), a imprensa alternativa⁵ surgiu tanto do desejo da esquerda de colocar em prática as transformações que estavam propondo, quanto da busca que jornalistas e intelectuais faziam por espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. O autor explica que “é na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos” (KUCINSKI, 2001, p. 6).

Entre os jornais que configuraram na imprensa alternativa, o *Pasquim* (1969-1988) esteve entre os mais importantes. No entanto, Viviane Freitas (2018, p. 113) aponta que seu caráter libertário assumia postura misógina e de escárnio diante das pautas dos movimentos feministas. De acordo com Rachel Soihet (2005), havia uma tentativa de silenciar e desqualificar por meio da zombaria a luta das mulheres por seus direitos, com sátiras marcadas pela ideia de que as feministas adotavam atitudes inadequadas no que diz respeito à feminilidade e às relações estabelecida entre os gêneros. Kucinski (2001)

⁵ Chamavam também de “imprensa nanica” devido ao formato tabloide no qual os jornais circulavam, que contavam ainda com tiragem irregular e circulação restrita. Apesar da venda em banca, a maior parte era comercializada no âmbito da militância (LEITE, 2003)



afirma que o jornal adotava uma postura machista e frequentemente associava o feminismo à frustração sexual.

Nesse contexto, sob a direção da jornalista Adélia Borges e com um extenso conselho editorial, o Mulherio foi lançado em maio-junho de 1981. De acordo com Dulcilia Buitoni (1981/2009), havia a tentativa de inovar no design, nas imagens – com fotos não convencionais, de mulheres marginalizadas, como boias-frias, negras e operárias – e reforçar a posição plural, emancipacionista e contra a ditadura dos modelos veiculados pela mídia. A linguagem escolhida também abandonava a invisibilidade do interlocutor e se colocava como um diálogo entre mulheres. Na primeira edição, o tema central foi o problema do conceito de beleza ideal e a diversidade da mulher brasileira, com uma crítica aos estereótipos e padrões moralmente instituídos. Neste editorial, a publicação afirma que pretende “recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas para expor e debater seus problemas. De uma maneira séria e consequente, mas não mal-humorada, sisuda ou dogmática” (MULHERIO, 1981, p. 1). Sobre a relação entre o Mulherio com a pauta esportiva, trataremos mais adiante.

Esporte Feminino

Praticar esportes de forma confiante e livre desde criança não é comum entre as meninas. A bola e a boneca ainda são itens que parecem encontrar dificuldade para ocupar o mesmo espaço na vida delas. Ainda que com pais e mães que buscam uma educação mais livre e não-binária para os seus filhos, como explicar a todas as gerações anteriores (avós, tios) que aquela garota pode simplesmente preferir a bola?

De acordo com uma pesquisa realizada em 2016 pela marca de absorventes Always em parceria com a MSLGROUP Research, apenas 1/3 das meninas se sentem incentivadas pela sociedade a praticar esportes. Além disso, oito entre 10 garotas acreditam que não pertencem a esse ambiente. Outros dados do estudo mostraram que 64% delas teriam abandonado o esporte até o fim da puberdade, 61% acreditam que faltam mulheres apresentadas como referências, e 34% veem falta de respeito à participação feminina. A pesquisa reuniu aproximadamente 1000 meninas e adolescentes britânicas, e os resultados das mesmas entrevistas feitas nos Estados Unidos foram semelhantes, com variação de até 2% para mais ou menos.

Resumir esses números em uma frase significa dizer que meninas e mulheres se sentem pouco à vontade para praticar esportes. No entanto, parte dessa insegurança ou falta de identificação recebe forte influência tanto dos espaços disputados na escola – conforme formula Guacira Louro (1997) –, quanto de todas as etapas da educação de uma garota. Na maioria dos lares, os meninos são educados para a vida, e por isso precisam ser fortes e destemidos; já as meninas são educadas para o lar, o que requer certa resignação. Elas passavam mais tempo dentro de casa, costumavam ser mais vigiadas que seus irmãos, e quando tinham um temperamento agitado, eram repreendidas e chamadas de “endiabradas”. Elas ainda eram colocadas para trabalhar mais cedo, requisitadas para todo tipo de tarefas domésticas e, às vezes, tornavam-se futuras mães, substituindo a mãe ausente – que precisa trabalhar – sendo mais educadas do que instruídas (PERROT, 2018).

Nessas tensões entre experiências em um mundo sexuado, no contexto do século XIX, Davis (2016, p. 17-18) reconhece uma crescente “ideologia da feminilidade”, “que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos” – ideologia esta que afastava as mulheres da ocupação de diversos espaços sociais, incluindo o esporte. Consideradas frágeis, a elas não caberia a competição, a disputa, a performance física e o cansaço.

Já no início do século XX, de acordo com Goellner (2005), o fortalecimento por meio do exercício era uma maneira de preparar as mulheres para uma boa maternidade. Mas a prática de modalidades como o futebol era desencorajada, tendo em vista que se tratava de um esporte violento e perigoso que não fazia parte das atividades recomendadas para o bem-estar feminino. E foi a partir de uma reação às mulheres que desafiavam tais expectativas de gênero por meio da prática esportiva que, durante a chamada Era Vargas (1930-1945) no Brasil, a regulamentação do esporte foi feita: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”, conforme o decreto de lei 3.199, de 14 de abril de 1941. Além disso, em 1965, com a deliberação número 7, o CND tinha redefinido as diretrizes de regulamentações das entidades esportivas para mulheres e dizia: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de

praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball”. Apenas a partir de 1983, com a regulamentação, elas puderam se reunir legalmente para a prática do futebol.

Assim, o esporte se caracteriza como um dos espaços nos quais a opressão feminina e a desigualdade de gênero se faziam – e se fazem – presentes no Brasil. No momento histórico em que o movimento feminista se consolidava no país, as mulheres eram impedidas de praticar diversas atividades físicas, visto que as modalidades eram julgadas como adequadas ou não para os corpos femininos, segundo regras baseadas nos papéis de gênero definidos por uma sociedade patriarcal. De acordo com Mühlen e Goellner (2012, p. 167), o esporte, como qualquer outra prática cultural, é generificado e generificador:

Ou seja, seu acontecer está perpassado pela (re)produção de masculinidades e feminilidades, e estes marcadores identitários não são neutros nem universais. Ao contrário: constroem-se cotidianamente considerando as representações culturais a eles associadas. São também produzidos por meio de processos de aprendizagem que se fazem presentes nos discursos médicos, familiares, religiosos, pedagógicos, jurídicos e, ainda, naqueles que circulam em diferentes outros meios de comunicação (MÜHLEN E GOELLNER, 2012, p. 167)

Desde a década de 1940 até o fim da de 1970, quando o Brasil enfrentava o regime ditatorial, buscar uma carreira no esporte, jogar futebol ou lutar judô eram mecanismos de resistência para mulheres. “As práticas esportivas seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções normativas, morais e sociais, aderiram à sua prática” (MOURÃO E MOREL, 2005, p. 77). As autoras apresentam o exemplo de Léa Campos, que se tornou árbitra de futebol quando realizou um curso na escola da Federação Mineira de Futebol. Além de atuar como juíza, Léa jogava bola, motivos pelos quais era constantemente conduzida por policiais à delegacia (o DOPS). Fora dos campos de futebol, o caso Lea Linhares também é ilustrativo. “Judoca gaúcha com grande projeção da mídia da época, primeira mulher faixa preta no Rio Grande do Sul, não teve seu título reconhecido porque era mulher” (MOURÃO E MOREL, 2005, p. 79). Também no judô, Soraia André participou das Olimpíadas de 1988, quando o esporte ainda tinha a condição de exibição.

O banimento do futebol feminino e de outras modalidades esportivas foi revogado em 1979, assim, enquanto diversas atividades masculinas já avançavam, as mulheres ainda lutavam para praticar esportes. Diante disso, muitas reivindicações foram necessárias para que os direitos delas fossem respeitados. Nesse sentido, os pressupostos do movimento feminista de busca pela equidade entre os gêneros se revelam basilar para

as ainda atuais batalhas de mulheres por estrutura, profissionalização, igualdade nos pagamentos, visibilidade e legitimidade no campo esportivo.

Objetivos E Metodologia

O objetivo deste trabalho é entender de que maneira o esporte tornou-se pauta da imprensa feminista brasileira em seus anos iniciais. Diante disso, questionamos: se, atualmente, reconhecemos que as lutas feministas permeiam diversos campos e muitos espaços, como a temática esportiva esteve presente nos jornais feministas no período em que a mobilização de mulheres avançava no Brasil e a redemocratização era uma reivindicação das mais urgentes?

Para estudar esse cenário, escolhemos o jornal *Mulherio* e olhamos para as edições 0 a 39⁶, que estão nos acervos digitalizados e disponibilizados pela Fundação Carlos Chagas e pela Biblioteca Nacional. Depois de realizar uma leitura flutuante e procurar nos arquivos as palavras-chave “esporte”, “football”, “futebol”, “atleta” e “prática esportiva”, chegamos às publicações. Por meio dos procedimentos metodológicos da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), levando em consideração o breve quadro histórico e contextual elaborado nos itens anteriores e a partir do *corpus* construído com os textos que resultaram dessa busca (totalizando 10 publicações – 4 notas, 1 indicação de leitura e 5 reportagens), elencamos as categorias analíticas explicadas a seguir (tabela 1) para propor inferências críticas e interpretações em uma análise qualitativa.

Tabela 1 - Categorias para a análise das publicações

Categorias de análise	Fatores e objetivos
Pauta	Temática das publicações
Personagens	Pessoas envolvidas no conteúdo
Características das personagens	Maneira como as mulheres são descritas e retratadas
Formato jornalístico	Se são notícias, reportagens, notas, textos opinativos e/ou informativos, perfis, críticas etc
Posicionamento	Como as perspectivas feministas aparecem

Fonte: elaborada pelos autores (2023)

⁶ Disponível em: <https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/> e <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 de agosto de 2023

Análise Das Pautas Esportivas No Jornal Mulherio

Entre as dez publicações sobre esporte encontradas no jornal Mulherio, de 1981 a 1989, foram quatro notas, uma indicação de leitura e cinco reportagens.

Figura 1 - Nota publicada no jornal Mulherio, ed. 10, p.23, 1982



Tabela 2 - Análise da Figura 1

Categorias de análise	Análise
Pauta	Descreve o contexto esportivo da época, com destaque para uma maioria masculina treinando times femininos e em cargos de liderança nas instituições
Personagens	Laércio Elias Pereira, professor da Universidade Federal do Maranhão e vice-presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
Características das personagens	É caracterizado enquanto pesquisador desenvolvendo um trabalho de mestrado na USP
Formato jornalístico	Nota
Posicionamento	Critica-se a predominância masculina no esporte, um "reduto masculino"

Fonte: elaborada pelos autores (2023)

Na figura 1, a publicação aborda o que também é recorrente até hoje: maioria masculina treinando times femininos e em cargos de liderança nas instituições. No que se refere à pauta, identificamos que o tema central é a descrição do contexto esportivo – com uma menção à queda da proibição de modalidades esportivas para mulheres –, assim como a divulgação da iniciativa de pesquisa sobre o tema, que envolve o único personagem presente na publicação: Laércio Elias Pereira. O autor do estudo é creditado como professor da Universidade Federal do Maranhão e vice-presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, ou seja, suas credenciais enquanto profissional. Sobre o formato, trata-se de uma nota, com uma fonte, que mescla informação e opinião, com um posicionamento contrário ao fato de o esporte ser um “reduto masculino”.

Figura 2 - Nota publicada no jornal Mulherio, ed. 8, p. 23, 1982



Tabela 3 - Análise da figura 2

Categorias de análise	Análise
Pauta	Divulgação do X Simpósio de Ciências do Esporte
Personagens	Não há
Características das personagens	Não há
Formato jornalístico	Nota
Posicionamento	Não há

Fonte: elaborada pelos autores (2023)

Já na figura 2, a sessão “agenda” divulga o X Simpósio de Ciências do Esporte, com o tema “a mulher no esporte”, que reuniria esportistas e pesquisadores. Assim, o foco

da pauta é o evento e não há personagens nominalmente citados ou caracterizados. O conteúdo tem o formato de uma nota informativa, sem fontes e sem posicionamento.

Figura 3 – Nota publicada no jornal Mulherio, ed. 4, p.23, 1982



Tabela 4 - Análise da figura 3

Categorias de análise	Análise
Pauta	A denúncia contra a proibição imposta pelo Conselho Nacional de Desportos e a Confederação Brasileira de Futebol aos clubes oficiais da época por ceder seus campos para treinos e partidas entre mulheres
Personagens	Rose do Rio
Características das personagens	Capitã do Beija-Flor, uma mulher de 29 anos de idade que joga futebol desde criança
Formato jornalístico	Nota
Posicionamento	Contrário às desigualdades de gênero presentes no futebol

Fonte: elaborada pelos autores (2023)

Na figura 3, o jornal denuncia a proibição que o Conselho Nacional de Desportos e a Confederação Brasileira de Futebol impuseram aos clubes oficiais da época por ceder seus campos para treinos e partidas entre mulheres. O conteúdo que tem formato de nota não trata de personagens, mas tem uma fonte, a Rose do Rio, que é descrita como capitã do Beija-Flor, uma mulher de 29 anos de idade que joga futebol desde criança.

Embora o texto seja informativo, algumas construções revelam um posicionamento contrário às desigualdades de gênero expostas: primeiro, ao apontar a impossibilidade de

as mulheres frequentarem aqueles que seriam “lugares de homens”, depois o fato de as atletas estarem inconformadas e contestarem a decisão, bem como a observação de que “afinal, mulher e futebol são coisas que já começam a aparecer juntas”.

Figura 4 - De Atenas a Los Angeles, jornal Mulherio, ed. 16, p. 14-15, 1984



Tabela 5 - Análise da figura 4

Categorias de análise	Análise
Pauta	Atletas destaque nas Olimpíadas de Los Angeles
Personagens	Maria Isabel Barroso Salgado (vôlei); Hortência Marcari (basquete); Conceição Aparecida Geremias (heptlato)
Características das personagens	Maria Isabel é descrita como “um dos maiores ídolos” do esporte brasileiro da época, musa e, aos 24 anos, atleta com salário suficiente para viver bem; Hortência Marcari (basquete) é apresentada como “estrela conhecidíssima” de 27 anos da Seleção Brasileira de Basquete que “acha bonito mulher que tem músculo”; Conceição Aparecida Geremias (heptlato) é reconhecida como “uma das melhores do mundo, com salário e patrocínio”, chamada pela revista Placar de “superatleta subdesenvolvida”
Formato jornalístico	Reportagem informativa
Posicionamento	Combate discursos que colocam em xeque as performances femininas, utilizando estudos e resultados das atletas

Fonte: elaborada pelos autores (2023)

Em 1984, durante as Olimpíadas de Los Angeles, pela primeira vez, como mostra a figura 4, o jornal Mulherio trouxe uma reportagem sobre esportes com atletas que se

destacavam em algumas modalidades da competição. Maria Isabel Barroso Salgado (vôlei) é apontada como “um dos maiores ídolos” do esporte brasileiro da época, musa e, aos 24 anos, atleta com salário suficiente para viver bem. Hortência Marcari (basquete) é apresentada como “estrela conhecidíssima” de 27 anos da Seleção Brasileira de Basquete que “acha bonito mulher que tem músculo”. E Conceição Aparecida Geremias (heptlato) é reconhecida por seus feitos no esporte: “uma das melhores do mundo, com salário e patrocínio”, chamada pela revista Placar de “superatleta subdesenvolvida”, sendo ela uma mulher negra.

As atletas aparecem como fontes e personagens da matéria, e tanto suas carreiras quanto trajetórias pessoais e opiniões têm espaço no conteúdo, que ainda traz informações históricas sobre a relação das mulheres com o esporte e com as Olimpíadas. Destaca-se episódios marcantes do passado, como o caso de Ferenice, que teria se vestido de homem para assistir aos Jogos Olímpicos de 396 a.C. para acompanhar o filho competidor e, ao ser descoberta, chocou a multidão que lotava o estádio e precisou pedir por sua vida, tendo em vista que a lei da época determinada que uma mulher seria condenada à morte caso invadisse um reduto sagrado dos homens.

A reportagem *De Atenas a Los Angeles* tem características de texto informativo ao, por exemplo, reunir dados sobre jogadoras registradas na Federação de Futebol do Rio de Janeiro e trazer em retrospecto as participações de mulheres nas Olimpíadas, com fatos como o que “só entre 1970 e 1980, o número de mulheres nos Jogos Olímpicos multiplicou-se por 12, enquanto o número de homens cresceu apenas por três” (BORGES *in* MULHERIO, 1984, p. 14). Todavia, conta com posicionamento combativo em relação a discursos que colocavam em xeque as performances femininas. Usa, por exemplo, o argumento defendido no I Congresso Esportivo Internacional de que o desempenho feminino nos esportes melhora mais depressa do que o masculino; e aborda o fato de a medicina esportiva abandonar aos poucos o conceito de “sexo frágil”, além de citar a performance de atletas menstruadas e mais.

No editorial desta edição, o Mulherio (1981-1989), que voltava a ser publicado após sete meses fora de circulação, deixa clara sua intenção de ampliar os temas presentes no jornal:

Nós queremos continuar fazendo o jornal igual era antes, na mesma busca de refletir a imagem real das mulheres, na mesma independência frente a grupos. E também diferente. Pretendemos ampliar bastante nosso público, e para isso ampliar a pauta dos assuntos tratados. Pretendemos tratar de nosso cotidiano,

e entrar em áreas que, na imprensa, são guetos masculinos, como a economia, a política, o esporte, a polícia, trazendo para aí a visão específica das mulheres (MULHERIO, 1984, p.2)

Figura 5 - Angélica campeã, nota do jornal Mulherio, ed. 18, p. 19, 1984



Tabela 6 - Análise da figura 5

Categorias de análise	Análise
Pauta	Conquista da atleta Angélica de Almeida
Personagens	Angélica de Almeida, maratonista
Características das personagens	Angélica de Almeida é descrita por seus feitos como atleta e lembrada por continuar “firme e forte”
Formato jornalístico	Nota
Posicionamento	Valoriza as conquistas e a trajetória da atleta

Fonte: elaborada pelos autores (2023)

Na edição de 1984, aparece apenas uma nota, *Angélica campeã*, narrando a vitória de Angélica Almeida, de 19 anos, na Maratona Internacional de Avon. O texto informa sobre seu tempo na prova e seu desempenho anterior na Maratona de Nova Iorque. Além disso, a trajetória da personagem da matéria é colocada em evidência: a matéria conta que Angélica era atleta do São Paulo Futebol Clube e que vivia, há sete anos, na FEBEM, isto

é, a Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor, atualmente chamada de Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA/SP). Nesse sentido, o texto segue narrando que a atleta já havia treinado no Pinheiros e que, embora acumulasse recordes, não havia sido incluída na equipe olímpica. Assim, a expressão clara de posicionamento segue tal afirmação: “Pior para o Comitê Olímpico Brasileiro, porque Angélica continua firme e forte”. No encerramento, há a informação sobre as provas seguintes da corredora.

Figura 6 - As novas mulheres de Atenas, jornal Mulherio, ed. 21, p. 19, 1985



Tabela 7 - Análise da figura 6

Categorias de análise	Análise
Pauta	Apresenta algumas atletas e suas jornadas nas modalidades esportivas
Personagens	Isabel, Hortência, Vera Mossa, Paula, Jaqueline, Patrícia Amorim, Silvana Campos, Esmeralda de Jesus, Jorilda Sabino, Débora Srouer e Conceição Geremias
Características das personagens	São descritas como “heroínas do esporte brasileiro”
Formato jornalístico	Reportagem informativa
Posicionamento	Valoriza o desempenho das atletas enquanto se posiciona criticamente à falta de reconhecimento e ao preconceito

Fonte: elaborada pelos autores (2023)

O tema volta a aparecer com destaque apenas na edição 21, de 1985, em reportagem escrita por Luciano Borges. No chapéu, lemos “Educação Física” (em vez de Esporte), e já no primeiro parágrafo temos contato com diversas personagens, como Isabel,

Hortência, Vera Mossa, Paula, Jaqueline, Patrícia Amorim, Silvana Campos, Esmeralda de Jesus, Jorilda Sabino, Débora Srouf e Conceição Geremias. Elas são descritas como “heroínas do esporte brasileiro nos anos 80”, com as afirmações de que algumas são bem pagas, têm patrocinadores, estrutura de treinamento, possibilidade de dedicação total e reconhecimento nas ruas.

Por outro lado, o texto faz uma crítica às poucas oportunidades e à ausência de incentivo que essas mulheres recebiam no Brasil. Tece críticas sob o subtítulo “Ainda o país de Pelé” e identifica a participação feminina no ambiente esportivo como uma “Corrida com barreiras”. Além disso, aborda o preconceito sobre os corpos das atletas e a imposição de padrões, questões exemplificadas a partir da história da atleta Conceição Geremias. Recordista sul-americana de heptatlo e 400m com barreira, ela é citada como uma mulher negra que não nasceu socialmente privilegiada, cujo ex-marido exigiu que escolhesse entre ele e os Jogos Olímpicos – o resultado foi a separação do casal.

Figura 7- Com a camisa do lado avesso, reportagem do *Mulherio*, ed. 24, p.4, 1986 (parte

I)

Com a camisa do lado avesso

Renata Figueira de Melo

Vida de Vôlei
Jacqueline Louise Cruz e Silva
Texto final de Marcos de Guide
Casa do Editor, 1985, Rio de Janeiro,
108 páginas.

Jaqueline Louise Cruz e Silva é uma jovem autora muito corajosa. Esta virtude, muito além de sua capacidade para elaborar uma narrativa literária, é o que transforma seu livro *Vida de Vôlei*, numa ousada acusação informal a cartolas e dirigentes do esporte nacional que vale a pena conferir. Não foi escrevendo que ela alcançou a projeção internacional que tem hoje, aos 23 anos, e sim, defendendo o verde-amarelo da seleção brasileira de vôlei feminino em duas olimpíadas (a de Moscou em 80 e Los Angeles em 84) e mais de 150 jogos por todo o mundo. Antes disso, o Brasil já conheceu a jogadora Jackie que aos dez anos surgiu como um prodígio da equipe carioca do Flamengo, sendo considerada, quatro anos mais tarde, a melhor levantadora do país — inclusive então convocada pela primeira vez para integrar a seleção adulta, apesar de ser ainda uma atleta infanto-juvenil.



Vida de Vôlei é um relato e uma auto-avaliação de 14 anos dedicados ao esporte, durante os quais Jacqueline aprendeu que uma personalidade forte e imoldável pode ser o maior obstáculo para o desenvolvimento da carreira de uma jogadora, independente-

Figura 8- Com a camisa do lado avesso, reportagem do Mulherio, ed. 24, p.5, 1986 (parte II)

mente do seu desempenho físico e técnico.

E nem assim ela se modificou. Ao contrário, transformou-se numa personagem polêmica temida e/ou evitada pelas altas figuras diretivas do vôlei. Seu feminismo discreto, sua obsessão pela justiça (contra a política dos cartolas) e a resistência do seu individualismo frente à noção de que o esporte coletivo só comporta mentalidades homogêneas, causaram-lhe muitos problemas com dirigentes, técnicos e colegas de quadra, além de quatro cortes da seleção por motivos de "indisciplina", conforme alegou a Confederação Brasileira de Vôlei.

O último deles foi o mais ventilado e equivalente ao penúltimo capítulo do livro. Jacqueline negou-se a vestir a camisa de treino com o nome do patrocinador sem ganhar para isso (já que estava desempregada e acreditava merecer uma porcentagem da verba recebida pela publicidade que ela mesma fazia, ao aparecer com um *Rainha* no peito, em fotos e reportagens para a TV). Usou a camiseta do lado avesso. Foi cortada no dia seguinte pela comissão técnica da CBV.

O conteúdo do livro foi gravado pela jogadora em dezenas de fitas cassete, em tom de desabafo e o jornalista Marcos de Guide tratou de passá-lo para o papel, resguardando a essência e até mesmo os vícios de linguagem característicos de Jackie. O resultado é um texto enxuto e coloquial, sem firulas, que vai direto ao assunto: a bronca da jogadora que foi e continua sendo marginalizada por quem teme a controvérsia da opinião pública com respeito às suas declarações sinceras.

Uma rainha expulsa do castelo, porque trocou a nobreza e o manto real por uma calça jeans e idéias vanguardistas.

Mas a *Vida de Vôlei* não é só mágoa, nem apenas uma despedida amarga da bola tocada de leve por sobre a rede. É uma promessa segura (e amesquorada para quem duvida) de que, apesar dos primeiros sets perdidos, Jacqueline retorna à quadra, pronta para virar o jogo e vencer. "O final da história não está no livro, mas nos próximos campeonatos que pintarem aí, para todo mundo assistir", garante a jogadora que ainda curte este intervalo literário.



Para Jacqueline, irreverência e vôlei são compatíveis

Tabela 8 - Análise das figuras 7 e 8

Categorias de análise	Análise
Pauta	Crítica do livro <i>Vida de Vôlei</i> , de Jacqueline Louise Cruz e Silva
Personagens	Jacqueline Louise Cruz e Silva, atleta
Características das personagens	Jacqueline é descrita como uma “jovem muito corajosa”, um “prodígio da equipe carioca do Flamengo”, “a melhor levantadora do Brasil”
Formato jornalístico	Texto opinativo
Posicionamento	Além de fazer uma crítica positiva sobre o livro <i>Vida de Vôlei</i> , a jornalista aborda a irreverência de Jacqueline, posicionando-se a favor de sua personalidade “controversa”

Fonte: elaborada pelos autores (2023)

No jornal Mulherio, houve também uma indicação de leitura, do livro *Vida de Vôlei*, no qual a atleta Jacqueline Louise Cruz e Silva faz relatos de sua trajetória dedicada à modalidade. Ela surgiu aos dez anos de idade e foi considerada um prodígio. Por isso, aos 24, já tinha muitas histórias para contar. Na matéria, é descrita como “uma rainha expulsa do castelo, porque trocou a nobreza e o manto real por uma calça jeans e idéias vanguardistas” (MELO in MULHERIO, 1986, p.4-5). É interessante notar que a autora usa o termo “feminismo discreto” para se referir à conduta da atleta, já que “feminismo” não havia aparecia no contexto do esporte até então, apenas implicitamente nas reflexões propostas.

Figura 9 - Mulher ainda não entra, jornal Mulherio, ed.29, p. 19, 1987



Tabela 9 - Análise da figura 9

Categorias de análise	Análise
Pauta	Dificuldades de repórteres mulheres na cobertura esportiva
Personagens	Maurão, Flávio Prado, editor de esportes do Jornal da Record, a repórter Denise Breuer e seu operador de TV, Betize Assunção, da revista Placar, a repórter Regiani Ritter, jogadores Hélio e Cilinho
Características das personagens	Não fica claro quem é Maurão. As mulheres (Denise, Regiani e Betize) aparecem em meio ao relato de suas experiências, ou seja, são caracterizadas a partir de suas ações, sem adjetivos, como nos outros textos
Formato jornalístico	Reportagem informativa
Posicionamento	A presença feminina no esporte força a revisão das regras do jogo, apesar de ainda esbarrar em muita ironia e preconceito

Fonte: elaborada pelos autores (2023)

A reportagem é escrita pela jornalista Roseli Figueiredo e a pauta trata de um desafio que as mulheres com essa profissão enfrentavam na época – entrar nos vestiários dos jogos de futebol masculino. O texto descreve que Maurão, um "velho e conhecido criador de casos" – quem conta é Flávio Prado, editor de esportes do Jornal da Record –, envolveu-se em uma confusão com a repórter Denise Breuer e seu operador de VT porque

eles tentaram entrar no vestiário após uma partida de futebol. A partir daí, narrando o desafio da personagem e fonte Denise, estende-se o conflito para a discussão sobre repórteres mulheres nesse contexto.

A frase em destaque marca um posicionamento: “A máxima de que futebol é coisa para homem ainda predomina e atinge atividades extrajogos, como a cobertura jornalística. Mas a presença feminina na área, hoje, força a revisão das regras do jogo, apesar de ainda esbarrar em muita ironia e preconceito” (MULHERIO, 1985, p. 14). Ou seja, com as liberdades democráticas se instalando novamente no país, outras reivindicações, como o espaço feminino no jornalismo esportivo, também ganhavam espaço, ainda que discreto.

Amelinha Teles (2019, p. 419 *in* FIRMINO, 2021) confirma que a diversidade das pautas – incluindo o esporte – cresceu conforme mais mulheres – também diversas – se aproximavam do movimento feminista e incorporavam debates ainda mais plurais. No texto, Roseli relata que a presença feminina na cobertura de futebol era algo que vinha acontecendo há dois anos aproximadamente e que reunia de oito a dez profissionais.

Figura 10 - Na marca do gol, jornal Mulherio, ed. 36, p. 21, 1988



Tabela 10 - Análise da figura 10

Categorias de análise	Análise
Pauta	Perfil da jogadora dinamarquesa Charlotte Suetta
Personagens	Charlotte Suetta
Características das personagens	Bem-humorada, vaidosa, cuida dos cabelos, não gosta de maquiagem e nem de usar sutiã
Formato jornalístico	Reportagem/Perfil
Posicionamento	Apesar de recorrer bastante ao recurso de ironia, isso é feito baseado nas falas da própria entrevistada

Fonte: elaborada pelos autores (2023)

Na reportagem *Na marca do gol*, Lia Carneiro escreve sobre a jogadora dinamarquesa que veio jogar no Juventus, time de São Paulo. Naquele momento, a regulamentação da prática havia sido concluída, fazendo com que a realidade fosse bem diferente das décadas anteriores. O texto começa, de maneira irônica, declarando que seria um exagero dizer que Charlotte Suetta está mais “para as passarelas de moda que para os campos de futebol” e segue apresentando a atleta de 19 anos, descrita como bem-humorada. Lia também faz uma crítica ao salário pago pelo clube, pois o considera pouco incentivador no contexto da profissionalização. Enquanto a jogadora relata que, em seu período no Brasil, o objetivo é desfrutar da sua liberdade, pois seu grande sonho é se tornar cirurgiã. Dessa maneira, a fonte e personagem da matéria descreve que, no seu país, aos 18 anos, as mulheres podem sair de casa para ter independência, diferente do Brasil, em que “as meninas ficam presas até se casarem, ouvindo tudo o que as mães falam, como não ter relações sexuais antes do casamento”. A entrevista segue trazendo diversas questões pessoais sobre a atleta, que afirma ser vaidosa, cuidar dos cabelos, não gostar de maquiagem e nem de usar sutiã.

Uma informação compartilhada pela própria jogadora é de que o futebol na Dinamarca e no Brasil acontecia de maneira semelhante nos anos 1980: “As garotas mais ricas não se interessam por esse tipo de esporte, e aí ele acaba sendo praticado só nas periferias ou nos bairros com maior concentração de operários”. Ao apresentar as opiniões e vivências de Charlotte, o texto não sugere um posicionamento do jornal.

Figura 11 - Hortência: drible na polêmica, jornal Mulherio, ed. 38, p.15, 1988



Tabela 11 - Análise da figura 11

Categorias de análise	Análise
Pauta	Perfil da jogadora Hortência
Personagens	Hortência, jogadora
Características das personagens	[Como um arremesso] “preciso e perfeito”, 1,74m de autodeterminação e 60 quilos de confiança em si própria
Formato jornalístico	Reportagem/Perfil
Posicionamento	Não há posicionamento

Fonte: elaborada pelos autores (2023)

A última reportagem, de 1988, é uma espécie de perfil e tem como personagem principal a jogadora Hortência, que havia acabado de posar nua. O texto de Lia Carneiro revela detalhes de uma entrevista realizada na casa da atleta, inclusive com a descrição de como a jogadora chegou para encontrá-la (“toda suada”, “impecável dentro de seu uniforme”) e como se aprontou para a conversa (“de gatinha, mostrando pernas, barriguinha e se escondendo atrás de um bocado todo pintado de vermelho”). Conhecemos os seus gostos pessoais (“não come nem salsicha nem linguíça”, adora restaurantes e a

agitação de São Paulo), a relação com a torcida (“sempre xingaram”), casamento, a opinião sobre seu temperamento dentro de quadra e o recente trabalho na Playboy (“precisava de alguém ir lá e fazer”). Segundo a reportagem, a melhor maneira de descrever Hortência é “imaginar um arremesso – preciso e perfeito – caindo. Trata-se de 1,74m de autodeterminação e 60 quilos de confiança em si própria”. É possível identificar que, ao trazer como pauta o fato de a jogadora ter posado nua, a matéria constantemente insere elementos esportivos com relação à Hortência. Embora não apresente um posicionamento editorial, o texto não usa uma linguagem meramente informativa, mas descritiva e intimista. Ao final, a jornalista afirma que “apesar de se mostrar relativamente hábil politicamente”, Hortência não gosta de falar no assunto e vê os políticos com “falta de postura”.

Considerações Finais

Tendo em vista o objetivo deste artigo de entender a maneira como o esporte se tornou pauta na imprensa feminista brasileira em seus primeiros anos, o breve quadro contextual exposto e o *corpus* selecionado para análise, chegamos a algumas considerações.

Levando em conta o cenário no qual o jornal Mulherio foi publicado (próximo ao início do processo de abertura e redemocratização), entendemos que foi possível abordar o tema de forma mais diversa e crítica, se compararmos com os outros jornais que surgiram nos anos anteriores. Embora o esporte, presente em dez publicações, não fosse um dos assuntos mais tratados, o período até o final da ditadura militar (1985) revelou novos rumos para o movimento feminista, que passou a se dividir cada vez mais politicamente e explorar novas pautas. Com isso, também se destacaram grupos envolvidos com temáticas que ainda não estavam completamente legitimadas, como violência contra a mulher e cuidados com a saúde feminina. Houve espaço ainda para o chamado feminismo acadêmico, que se ancorava em pesquisas de ciências humanas e educação desenvolvidas nas universidades do país. Nesse sentido, as discussões sobre a presença da mulher no esporte fizeram parte de uma expansão do jornal na direção de retratar múltiplos aspectos que envolvem ser mulher na sociedade.

Sobre as publicações em si, consideramos que algumas características se fizeram predominantes, como: presença de ironia, uso de adjetivação, posicionamento favorável

à participação feminina no esporte nas mais diversas funções, escolha por pautas que mesclavam críticas com informações e pesquisa de dados, a marcação histórica, o entretenimento, o uso de imagens não sexualizadas, a variedade de modalidades discutidas, a marcação de raça e de classe social ao descrever as personagens das matérias e a ausência do tema orientação sexual.

É interessante observar que havia uma tentativa de legitimar, naturalizar e normalizar a ocupação de espaços esportivos por mulheres, analisando os desafios enfrentados por elas e fazendo menção à visibilidade das atletas no cenário e aos seus salários. Ainda assim, as matérias discutiam pontos mais conservadores, ligados a elementos impostos pelo patriarcado, como casamento, filhos, maquiagem, roupas e corpo das atletas. Muitas vezes, esses pontos foram tratados num esforço de desconstruir ideias, como quando a reportagem *As novas mulheres de Atenas* cita Conceição Geremias e afirma que a atleta escolheu o esporte em vez do marido, ou a entrevista com Charlotte Suetta, que expõe as opiniões da dinamarquesa sobre sexo antes do casamento e a rejeição ao sutiã. Entendemos que havia uma espécie de tensão na tentativa de escolher a melhor maneira para tratar essa “nova pauta” que era a mulher no esporte.

Por fim, ressaltamos que a presente análise não teve o objetivo de esgotar as reflexões sobre as pautas desenvolvidas pelo jornal *Mulherio* ou a relação da imprensa feminista com o esporte, o que buscamos foi contribuir para uma discussão relevante a respeito do assunto.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL MULHER. *Amor*, São Paulo, nº. 9, p. 15, 1977.

BORGES, Adélia. De Atenas a Los Angeles. *Mulherio*, São Paulo, nº 16, p. 14-15, 1984.

BORGES, Luciano. As novas mulheres de Atenas. *Mulherio*, São Paulo, nº 21, p. 19, 1985.

BUITONI, Dulcília Helena. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

CARNEIRO, Lia. Hortência: drible na polêmica. *Mulherio*, São Paulo, nº 38, p.15, 1988.

_____. Na marca do gol. *Mulherio*, São Paulo, nº 36, p. 21, 1988.



DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Stuart Hall e feminismo: revisitando relações. *MATRIZES*, v. 10, n. 3, p. 61-76, 2016.

FIGUEIREDO, Rosali. Mulher ainda não entra. *Mulherio*, São Paulo, nº 29, p. 19, 1987.

FIRMINO, Carolina Bortoleto. **Gênero e posicionamento no esporte**: a noticiabilidade no jornalismo esportivo feminista do Dibradoras. 2021. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/215276>>.

FREITAS, Viviane Gonçalves. *Feminismos na imprensa alternativa brasileira: quatro décadas de lutas por direitos*. Jundiaí: Paco, 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista brasileira de Educação Física Esp.*, São Paulo, v.19, n.2, p.143- 51, abr./jun. 2005.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. *Revista Afrodiáspora*, Brasília, v.6 e 7, n.19, p. 94106, 1985.

KUCINSKI, Bernardo. *O fim da ditadura militar*. São Paulo: Contexto, 2001.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.11, n.1, p.234-241, 2003.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MELO, Renata Figueira. Com a Camisa do lado avesso. *Mulherio*, São Paulo, p. 4-5, ed. 24, 1986.

MOURÃO, Ludmila; MOUREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

MSLGROUP. Always Confidence & Puberty Keep Playing #LikeAGirl Study. *news.pg.com*, 2017. Disponível em <https://news.pg.com/news-releases/news-details/2017/Survey-Finds-Half-of-Girls-Feel-Paralyzed-by-the-Fear-of-Failure-during-Puberty1-New-Always-LikeAGirl-Video-Aims-to-Change-This-and-Encourages-Girls-Everywhere-to-Keep-Going-LikeAGirl/default.aspx>. Acesso em 11 out. 2023

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 165-184, 2012.

MULHERIO. *Por que Mulherio?*. São Paulo, nº 0, p. 1, 1981.

MULHERIO. *Fora de campo*. São Paulo, nº 4, p. 23, 1982.

MULHERIO. *Agenda*. São Paulo, nº 8, p. 23, 1982.

MULHERIO. *Esporte, reduto masculino*. São Paulo, nº 10, p. 23, 1982.

MULHERIO. *Angélica campeã*. São Paulo, nº 18, p. 19, 1984.



NÓS MULHERES. *Editorial*, São Paulo, nº 1, Junho, 1976.

NÓS MULHERES. *Mulher na boca do gol*, São Paulo, nº 4, Março/Abril, 1977.

NÓS MULHERES. *Isto é coisa de menina*, São Paulo, nº 4, Agos/Setembro, 1977.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2005, vol.13, n.3, pp.591-612. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2005000300008&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 2 jun. 2020.